

Alguns comentários de um leitor atento e leigo.

A divisão em três partes me pareceu justificada, com uma fundamentação inicial, um desenvolvimento do tema central e uma terceira parte novamente mais teórica, universalizante.

O livro parte de reflexões sobre problemas, é uma obra de conteúdo baseada na "praxis", não é "pura teoria", e, portanto, não precisa de uma coerência até os últimos detalhes, uma vez que a vida cotidiana inclui sempre muitas facetas, e a teoria pura é sempre uma simplificação metódica.

O enfoque crítico é louvável: revela uma autora que sentiu de perto os problemas de nossa civilização atual. Em bora eu, pessoalmente, sonhasse com um aprofundamento futuro em termos de fundamentação teórica desta crítica, seja feito pela mesma autora, seja encontrado em algum teórico com quem ela se identifique mais. Quero dizer: que a visão do mundo e do homem não está ainda bem explícita, bem tematizada, o que provavelmente não caberia nesta obra de 1984, mas que aparece como um aprofundamento conseqüente. Dito ainda de outra maneira: a autora sabe que tais e tais procedimentos e comportamentos são ruins, fazem mal para a saúde, são sinais de um desvio da civilização, diminuem a qualidade de vida das pessoas, mas a autora não desenvolveu ainda a sua visão própria do homem e da sociedade, em seus escritos (mesmo que já a tenha desenvolvido para si, em suas reflexões não publicadas).

A relação entre o problema geral, social, e o universo mais restrito das escolas, é válida, como concretização da problemática, e não fica bitolada, pois generaliza também para situações diferentes, como no caso dos aposentados, dos da terceira idade. Assim, não é um livro sobre os problemas dos estudantes, muito menos um livro sobre os estudantes da UFRGS, mas é um livro sobre problemas comuns, demonstrados inclusive entre os estudantes.

Se as críticas sobre coletivismo, anonimato e despersonalização já são suficientemente encontráveis em outros autores, podendo então dispensar maiores demonstrações, creio que a parte "futurística", referente ao "prazer lúdico" é ainda tão nova que precisa de mais teorização, mais utopia, mais descrições de sonhos concretos. Acho que se poderia concretizar mais os contornos de uma vida onde o prazer lúdico tivesse um lugar preponderante, pois tal modelo é tão diferente do atual, que precisa ser pintado em maiores detalhes. Um problema que os filósofos têm se colocado, através dos últimos cem anos, é o de saber se os valores consumistas, que tendem a estabelecer-se de maneira sistêmica e totalizante, conseqüentemente, na sociedade toda, podem ser alterados com experiências-piloto, com soluções regionais ou locais. Eu, pessoalmente, creio que sim, pois que não se deve esperar uma solução centralizada no que se refere a estilo de vida e qualidade de vida. Mas o novo precisa saber como vencer o velho, quando este se estabeleceu como sistema total, com fundamentos econômicos.

Detalhando mais esta última idéia: o consumismo com seus valores atende a interesses fortíssimos, econômicos, sociais e políticos, na forma atual do capitalismo. Quais seriam então os interesses a que serviriam os novos valores? Têm de ser interesses concretos, reais, e não apenas teóricos. E têm de ser interesses fundamentados num modelo econômico-social ou antropológico-existencial. Quais as forças reais que nos levam a buscar "viver de um outro jeito"?

A falta de uma visão mais clara a este respeito será responsável por algumas hesitações no desenvolvimento do tema, e eventuais perdas do potencial crítico do tratamento da questão. Neste livro, a questão aparece numa certa ambiguidade referente às "funções" das atividades de tempo livre. São realmente exercício de liberdade nova, profecia de uma outra forma de viver, ou são apenas "reabastecimento da força de trabalho alienado", uma espécie de "lubrificar a máquina", parada técnica para reabastecer e continuar servindo melhor ao sistema alienante e impossibilitador da liberdade?

Mas a falta de algumas destas respostas não diminui em nada o valor desta obra, que faz parte de um processo prático, onde os problemas atuais são pensados de maneira mais imediata, para ajudar a iniciar a solução, sabendo-se que alguns problemas logo se tornarão menos importantes, outros mais.

Pessoalmente, não me agradou, neste livro, o procedimento, válido para a dissertação anterior, de elencar sempre uma dúzia de autoridades no setor para fundamentar a colocação das questões. Acho este procedimento demasiado acadêmico, e neste sentido não mais adequado para este segundo livro, destinado a um público mais amplo. O problema de citar muitos autores brevemente está principalmente no seguinte, creio eu: as citações vêm fora do contexto; elencados um após o outro, os autores citados brevemente não chegam a completar um quadro do problema, às vezes se repetem, às vezes se contradizem, no conteúdo ou na intenção; a falta de um comentário maior da autora após cada uma das citações (comentário que é substituído às vezes por simples parafrases daquilo que já foi dito) deixa a questão mais imprecisa, e o desenvolvimento pouco pessoal. Ora, o que se espera é que a autora, com suas muitas leituras bem assimiladas e bem testadas no confronto com sua experiência pessoal, diga o que eles queriam dizer, mas com suas próprias palavras, com sua lógica pessoal e com seu estilo próprio. Nem atitude de formiga, que traz tudo de fora, nem de aranha, que tira tudo de seu ventre, mas um estilo, melhor de ler, que mostra que a autora leu muito, selecionou, absorveu e apresenta ao leitor mais as idéias e menos os nomes dos autores lidos. Numa dissertação acadêmica, citar muitos nomes pode servir para provar boa companhia. Numa obra mais pessoal, os muitos nomes mais atrapalham do que ajudam. Citar só quando necessário, realmente diferente e, quando possível, discutir as diferenças de enfoque, posicionando-se pessoalmente frente a cada uma destas "autoridades".

O outro perigo de demonstrar a companhia de muita gente é que, quem já os leu, traz para dentro do livro as dife

renças das teorias desses autores, e espera que a autora em questão se decida por um lado ou outro, o que, não acontecendo, deixa o leitor "erudito" meio frustrado.

Uma vantagem deste livro é que ele coloca mais questões do que consegue resolver. É, portanto, uma obra que favorece a reflexão. Mas eu tive a impressão de que muitas destas questões ficaram meio dispersas ao longo do livro, levantadas muitas vezes, sob diferentes enfoques, e nem sempre tratadas de uma maneira um pouquinho mais sistemática. Talvez esta última sugestão só valha mesmo para autores de ciências mais teóricas, mas temo que os leitores que precisam de maior desenvolvimento de cada questão se sintam meio perdidos ao longo do livro.

A insistência sobre o indivíduo e a capacidade de cada um, desde criança, saber ocupar-se, é bem coerente com a intenção central do livro.

Uma das idéias centrais do livro, me parece, é a de um lazer "prazeroso, criativo e sadio". Considero esta definição muito boa e muito completa. Mas acho que valeria a pena aprofundar mais esta idéia, descrevendo melhor o que se pode entender por isto. O mesmo vale para o binômio "viver e ser", oposto a "consumir e ter". A antítese está correta, e está também ligada à idéia de Paulo Freire de "ser mais", porém, para muitos filósofos, a palavra ser, por demasiado genérica ou ampla, precisa ser mais concretizada. Na página 26, por exemplo, fica insinuado que "rotina" é ser menos, mas seria bom explicar melhor.

Não quero, porém, de maneira nenhuma, parecer que não estou reconhecendo a enorme riqueza deste livro, que também é extremamente concreto em seus exemplos, como ao falar de férias, aposentadoria, recreação terapêutica etc. dá muito a entender sobre o que quer dizer. Apenas estou mostrando as dificuldades de leitura que tive, e minhas impressões subjetivas, a partir do modo de pensar em que fui educado ou treinado. Os exemplos elencados são muito ricos, como os das atividades recreacionais das páginas 30 e 31.

Muito boa a observação de que o trabalho é o antônimo do tempo livre, mas não do lazer, uma vez que lazer pode significar outra forma de trabalho, um trabalho livre, uma experiência, até simbólica, da liberdade, um sonho de como deveria ser o resto do tempo de trabalho, quando o trabalho for algo mais livre. Se isto for possível um dia...

O livro, portanto, é uma espécie de "suma", pois contém definições de problemas, reflexões pessoais, elencos de sugestões práticas, análise de legislação e de normas propostas etc. Um livro tão útil quanto o "Manual dos Escoteiros", cheio de idéias, teóricas e práticas, psicológicas, sociológicas, políticas e pedagógicas. O livro está cheio de lances de grande profundidade, como na análise da criatividade, da página 59 s.

Em relação à análise da questão na Universidade, gostaria de dizer uma palavra. A exigência de uma definição de uma filosofia da Universidade é plenamente justificada, e está muito bem colocada. A falta de tal definição é uma das grandes responsáveis por nossas escolas superiores não serem

verdadeiras universidades, com formação integral. Já por outro lado eu tive dificuldades em relação à colocação das pesquisas de campo junto aos universitários. Acho que a parte teórica do livro está bastante consistente, com as reservas que fiz em geral, e suponho que a pesquisa de campo, com todos os dados computados, deve estar muito bem feita. Mas me fugiu um pouco a relação ou a adequação entre estas duas partes do livro. Fiquei um pouco com a impressão que nossas teses acadêmicas sobre questões de ensino geralmente produzem em mim: a de que há um grande aparato técnico para uma boa pesquisa empírica, mas ao mesmo tempo uma certa desproporção entre as duas partes. Não desproporção no sentido de que uma parte seja muito maior do que a outra, mas desproporção no sentido de que não se vê bem a relação de cada resultado parcial com as colocações mais teóricas ou mais universalizantes do livro. Este é um problema sobre o qual se poderia discutir mais detidamente, uma vez que é um problema comum em tais trabalhos, parte teóricos, parte práticos (empíricos). O problema mais metodológico e filosófico da relação entre a empiria e as formulações mais teóricas. Ou, se se quiser, entre a análise e a síntese.

Sem negar a exatidão destas pesquisas, parece que nossas teses precisam melhorar, em geral, na proporção relacionada à "relevância" e "consequência" de cada dado levantado e computado.

Creio que convém interromper por aqui, sob pena de estas observações ou estes comentários soltos darem a impressão de pretenderem uma análise profunda de uma obra rica demais para este leitor, e de parecer que seria necessário um julgamento de valor sobre a obra, o que seria de novo uma desproporção, ou melhor, um despropósito. São comentários de um leitor interessado no assunto, mas com conhecimentos demasiado restritos.

Lenea: Espero ter, com estas linhas, demonstrado um pouco do interesse que teu livro despertou em mim, e, ao mostrar as dificuldades que tive na leitura, talvez ter colaborado um pouco para tuas próximas reflexões. Ciente de que não tenho muita coisa a te dar (ao menos neste campo), quis apenas demonstrar o eco que tuas reflexões provocaram em mim. Sei que tua bondade transformará estas minhas pobres observações em novos estímulos para ti, de modo que possas continuar a fazer o bem a tanta gente, continuando a dar-nos o exemplo que procuramos, cada um à sua maneira, seguir também.

Um abraço do
Alvaro